

**ENCONTROS LÍRICOS MACHADIANOS COM A FILOSOFIA DA  
RAZÃO VITAL**

[MACHADIAN LYRIC ENCOUTRES WITH THE PHILOSOPHY OF VITAL REASON]

**Joabe Tavares Pereira**  
*[professorjoabe@gmail.com](mailto:professorjoabe@gmail.com)*

*Graduação em filosofia, especialista e mestre pelo PROF-FILO UERN. Atuo como professor de filosofia no Ensino Médio na cidade de Patos-PB. Também leciono Ensino Religioso na rede municipal do mesmo município.*

**DOI: [10.25244/1984-5561.2024.5837](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.5837)**

Recebido em: 22 de fevereiro de 2024. Aprovado em: 2 de janeiro de 2025

**Caicó, ano 17, n. 1, 2024, p. 167-180**  
**ISSN 1984-5561 - DOI: [10.25244/1984-5561.2024.5837](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.5837)**  
**Dossiê Filosofia e Literatura**



**Resumo:** A filosofia e a literatura são atividades intelectuais que muitas vezes convergem para uma mesma temática ou compreensão da vida humana. Muitos autores e autoras da literatura nacional e universal têm contribuições para o entendimento filosófico do homem e do mundo. Os escritos dos autores universais como Goethe, Shakespeare ou Cervantes, se confundem como obras de filosofia. Do mesmo modo, autores nacionais da literatura também se mostram filosófico em seus escritos, caso de Machado de Assis, Ariano Suassuna, Clarice Lispector ou Guimarães Rosa. Neste texto pretendemos revelar, com algumas aproximações, se há uma filosofia nos escritos machadianos ou mesmo um filósofo nacional no autor. De fato, há passagens e conceitos nos escritos de Machado de Assis que conversam, por assim dizer, com os escritos de segunda navegação do filósofo espanhol, Ortega y Gasset. Ambos os autores têm estilo literário parecido, eles buscam a compreensão da vida e do mundo a partir das circunstâncias nas quais o homem está lançado. Homem e mundo se dão em um mesmo ato da existência, e esse fenômeno não passou despercebido por nossos autores.

**Palavras-chave:** Filosofia. Literatura. Vida. Homem. Mundo. Categoria.

**Abstract:** Philosophy and literature are intellectual activities that often converge on the same theme or understanding of human life. Many authors of national and universal literature have contributed to the philosophical understanding of man and the world. The writings of universal authors such as Goethe, Shakespeare or Cervantes are confused with works of philosophy. Likewise, national literary authors also show themselves to be philosophical in their writings, such as Machado de Assis, Ariano Suassuna, Clarice Lispector or Guimarães Rosa. In this text we intend to reveal, with some approximations, whether there is a philosophy in Machado's writings or even a national philosopher in the author. In fact, there are passages and concepts in the writings of Machado de Assis that speak, so to speak, with the second-hand writings of the Spanish philosopher, Ortega y Gasset. Both authors have a similar literary style, they seek to understand life and the world based on the circumstances in which man is placed. Man and world occur in the same act of existence, and this phenomenon did not go unnoticed by our authors.

**Keywords:** Philosophy. Literature. Life. Man. World. Category.

## INTRODUÇÃO

Para além da questão do reconhecimento do grande literato nacional que foi o escritor brasileiro Joaquim Maria Machado de Assis, pretende-se neste texto, investigar acerca dos pontos de intercessão entre os termos da lírica machadiana com os conceitos da filosofia da Razão vital tal qual pensada pelo filósofo espanhol José Ortega y Gasset. O estilo de ambos os autores prima pela clareza textual, herança da formação jornalística que tiveram. Há em nossos autores um insubornável zelo pela apreensão das coisas do mundo como um todo, o que é próprio da filosofia na sua busca pela compreensão da totalidade e não de partes. Percebe-se nesta intercessão de pensamentos entre o filósofo e o romancista, uma crítica ao determinismo e ao cientificismo exacerbado de seu tempo – fruto da hegemonia positivista que se fazia na segunda metade do século XIX. Como críticos analisadores da condição humana de sua época, tanto Ortega y Gasset na Espanha, quanto Machado de Assis no Brasil, buscavam interpretar o homem de seu tempo, as condições históricas nas quais as circunstâncias operam e o contorno social – o mundo, no qual as coisas acontecem. O presente texto se debruçará nos romances de segunda fase literária de Machado de Assis, na qual o autor tematiza com traços da crítica social um teor irônico sem abandonar resíduos do romantismo: caráter nacionalista, exaltação da liberdade, reformas sociais e exaltação de sentimentos. Este recorte nas obras do autor brasileiro se deve a impossibilidade de se abarcar a vastidão literária por ele produzida. Quanto ao filósofo espanhol, nos intensificaremos mais nas obras produzidas a partir de sua *segunda navegação*, como se referem seus comentadores mais atualizados, fase que coincide com a aproximação de Ortega y Gasset com a fenomenologia. Navegar na aventura da existência sob a ótica de nossos autores por meio de uma revisão bibliográfica, é o intuito que aqui se faz, buscando os conceitos e recriando-os a partir do aprimoramento dos fundamentos que constituem essa modalidade.

Com base nos escritos de segunda fase de Machado de Assis, este texto buscará melhor compreensão dos elementos filosóficos, se os houver, das obras do escritor brasileiro. Se essa perquirição encontrar ingredientes filosóficos em tais escritos, importa revelar se, de fato, eles têm conexões com a filosofia do espanhol Ortega y Gasset, e a partir desta revelação, inquirir do lugar filosófico da obra machadiana. O reconhecimento amplo do literato que foi Machado de Assis é demasiado publicado e, deveras, o escritor goza de prestígio quanto à sua produção literária. O que aqui se interroga é a compreensão de até que ponto a crítica ou a academia filosófica reconheceria no autor um filósofo, e neste caso, de qual filosofia teria aproximação. O escritor brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), já demonstrava uma influência do filósofo Pascal na lírica machadiana. Contudo, esta investigação pretende inverter a lógica e se perguntar em que termos podemos considerar Machado de Assis um filósofo nacional no que pese sua obra ter conexões, ainda que latentes, com o pensamento do filósofo Ortega y Gasset. Na mesma inclinação, Miguel Reale apresenta uma *certa* filosofia na obra machadiana, embora a aproxime mais com o filósofo alemão Schopenhauer; o que seria justo se perguntar: filosofia machadiana ou filosofia na obra machadiana? O pessimismo patente na filosofia do alemão não encontraria ressonância no pensamento orteguiano – a filosofia da Razão vital, e que não se coaduna com a categoria *minha vida*, critério saliente na obra de Machado de Assis. Logo, a obra literária de *segunda fase* do escritor brasileiro, teria mais aproximações com a filosofia da Razão vital.

Em meio a vasta obra literária machadiana e suas nuances em compreender o cotidiano humano, inquirimos acerca de até que ponto pode-se considerar o escritor Machado de Assis um filósofo, e quais suas aproximações com a filosofia da Razão vital, e a partir desse entendimento, verificar: Machado de Assis poderia ser considerado academicamente um filósofo? Se sim; ele tem aproximação com a filosofia da Razão vital ou funda uma nova corrente filosófica de caráter nacional? Esta suposta filosofia nas obras machadianas, faria do autor um filósofo nacional?

Justifica-se este trabalho pela importância em se reconhecer o caráter filosófico presente nos romances de segunda fase escritos por Machado de Assis, sobretudo com a filosofia da Razão vital. Muito embora o autor brasileiro seja nacionalmente consagrado, aqui buscamos sua interface com a filosofia orteguiana, e a partir dessas aproximações, interpelarmos do lugar filosófico da obra machadiana. O principal objetivo desta escrita é investigar a presumida presença da filosofia nas obras de Machado de Assis, e de qual filosofia ela se aproxima; outros objetivos também ensejam nosso texto, a saber: investigar nas obras romanesco de segunda fase de Machado de Assis as circunstâncias desses escritos, aproximando-os da obra de Ortega y Gasset; compreender o autor romancista brasileiro a partir de suas noções filosóficas, contribuindo, assim, com o viável resgate de um modelo de filosofia nacional.

## FILOSOFIA E LITERATURA

A literatura nacional é composta de autores e autoras consagrados (as) pelo seu povo e, muitos desses nomes perpassam as fronteiras nacionais, tendo reconhecimento literato inclusive em países de outras línguas, o que aponta para a qualidade lírica de nossos romancistas, escritores e poetas. Machado de Assis é um desses autores consagrados nacionalmente, inclusive para além do país. O que aqui buscamos não é meramente sua qualidade artística, pois esta já é consagrada, mas intentamos pelo aspecto filosófico que sua vasta obra carrega e que é mister buscá-la, interpretá-la e trazê-la para o devido lugar filosófico que lhe cabe. Há alguma correlação entre a lírica machadiana que se coaduna com a metafísica da Razão vital, esta é nossa tese a ser assumida como tarefa nesta faina de compreender filosoficamente os segredos do *Bruxo do Cosme Velho*<sup>1</sup>. O que aqui se investiga na correlação intelectual e cognitiva entre literatura e filosofia, poder-se-ia também ser investigado em outras áreas em relação à filosofia, como a música, o cinema, a pintura e tudo o mais relacionado às artes e a cultura. Afinal, tais áreas de atuação humana são expressões diversas que manifestam a compreensão do homem e de seu tempo, estas traduzidas em arte e cultura, e que demandam implicações filosóficas estéticas para o deleite dos que delas se aproximam.

Algo semelhante acontece com o escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, e que seus compatriotas recorreram ao espanhol Ortega y Gasset, o qual produziu uma belíssima obra a respeito do escritor alemão: *Goethe, o libertador*; uma vez solicitado para tal empreitada, mas já nos admoesta de saída, “Quem quiser salvar Goethe, deve buscá-lo aí” (ORTEGA Y GASSET, 2022b, p. 45), onde esse *aí* é em torno de Goethe, um *Goethe a partir de dentro*. Nesta mesma perspectiva, buscamos compreender as nuances filosóficas nas obras machadianas ainda que estas estejam latentes em seus personagens, circunstâncias ou enredos cotidianos traduzidos em ficção, mistério e aventura. De fato, os escritos poéticos ou romanesco e míticos, sempre estiverem aproximados com a filosofia, desde os escritos de Homero e Hesíodo até a literatura hodierna. Aliás, filosofia e literatura são dois lados da mesma moeda, o que as tornam deveras aproximadas pela Estética<sup>2</sup>. Esta correlação entre a filosofia e a literatura é ingrediente constitutivo da vida intelectual, da cultura

---

<sup>1</sup> Cosme Velho é a rua onde Machado de Assis veio morar depois de viver alguns anos na rua das Laranjeiras. A alcunha de Bruxo deveu-se a maledicência de um vizinho que via o escritor queimando velhos papéis num caldeirão. (n.a.)

<sup>2</sup> “Um dos ramos tradicionais do ensino de filosofia. O termo foi criado por Baumgarten (séc. XVIII) para designar o estudo da sensação, a *ciência do belo*, referindo-se à empiria do gosto subjetivo, àquilo que agrada aos sentidos, mas elaborando uma ontologia do belo” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 94-95).

e da arte, uma vez que, se o que é belo agrada pelo olhar (sentidos), a filosofia é o fundamento dos juízos estéticos.

Para esta empreitada lírico-filosófica, buscaremos nas obras romanescas machadianas de segunda fase, sobretudo, em sua clássica trilogia mais famosa, quais sejam: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899). Estas obras se constituem em novo estilo literário do escritor e assenta sua introdução no Realismo<sup>3</sup> produzido no Brasil. De modo que, em Machado de Assis, isto não se resume a mera descrição da realidade. “Seu realismo consiste em desmentir a realidade, e em descobrir a duplicidade de tudo quanto nos rodeia e de nossa própria pessoa” (KUJAWSKI, 2011, p. 106). Ambos autores identificam-se com estilo literário muito próximo, “[...] o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...” (MACHADO DE ASSIS, 2019, p. 107). Já o filósofo espanhol emprega seu estilo literário ao modo dos hebreus na tomada de Jericó. “Iremos nos aproximando em giros concêntricos, de raio cada vez mais curto e intenso, deslizando pela espiral desde uma mera exterioridade com aspecto abstrato, indiferente e frio, até um centro de terrível intimidade, patético em si mesmo, ainda que não o pareça em nosso modo de tratá-lo” (ORTEGA Y GASSET, 2016b p. 17). No sentir do filósofo espanhol, um problema filosófico para ser evidenciado, carece de ir sendo cercado, sem pressas, a fim de se tornar patente pela aproximação cada vez reveladora daquilo que se investiga.

Para esta compreensão, contaremos com o aporte teórico de Kujawski (2011), exímio conhecedor tanto da filosofia orteguiana quanto das obras do escritor brasileiro. Outra luz literária para esta investigação é Álvaro Gomes (2018), autor de ensaios, livros e romances.

## METAFÍSICA ENTRE OS AUTORES

A busca constante pela compreensão da realidade é algo comum aos autores em tela. A realidade é um fenômeno que nunca se manifesta logicamente, clara e fácil de ser compreendida. Nossos autores desenvolveram, à sua maneira, uma metafísica<sup>4</sup> de tentar compreender quem é o homem e o mundo no qual vê-se *lançado*. “Se há em Machado uma metafísica é esta: os fatos só servem para nos distrair e encobrir o conhecimento da realidade, a realidade do drama humano” (KUJAWSKI, 2011, p. 19). Seria como a vida cotidiana distraísse a mente humana de sua verdadeira condição de estar no mundo: naufrago. Ora, a primeira condição para quem vê-se naufrago é justamente ter consciência de sua situação na qual se encontra, e portanto, a distração é uma condicionante que agrava ainda mais a realidade de quem perdido se encontra.

O homem encontra-se no mundo como que ‘lançado’ nele houvesse sido, esta é sua dramática condição de estar no mundo. Para se orientar, pois perdido se encontra, buscará algo para se ater, isto é, encontrar-se a si mesmo. Para tanto, buscará na metafísica uma orientação autêntica a fim de encontrar-se. “A metafísica é algo que o homem faz, e esse fazer metafísico

<sup>3</sup> O Realismo brasileiro foi um movimento de enfoque literário no homem e seu cotidiano, crítica social e linguagem simples e objetiva. (n.a).

<sup>4</sup> É o que convencionou-se chamar de ontologia ou filosofia primeira. A metafísica, em definição básica, seria aquilo que está para além das coisas físicas (Andrónico de Rodes). Neste sentido, a metafísica ocupa-se em compreender quem é o homem, o mundo que o cerca, além de buscar respostas par o Ser Supremo. A partir do século XIX, houve uma desvalorização da metafísica. Segundo Ortega y Gasset, a metafísica só resistiu aos ataques positivistas de meados de século XIX, porque é impossível arrancar da mente humana sua condição filosofante, e é por isto, que o homem faz metafísica (n.a).

consiste em o homem buscar uma orientação radical em sua situação” (ORTEGA Y GASSET, 2019a, p. 33). Aqui podemos verificar uma aproximação do escritor brasileiro com a tradição helênica, e de modo mais ajustado, com a filosofia da Razão vital. Desde os gregos antigos, a noção de *encontrar-se* no mundo é perseguida pelos filósofos; e em Ortega y Gasset, esta mesma noção, será a pedra de toque dos escritos e análises da metafísica do pensador espanhol.

Uma imagem utilizada e aplicada pelo filósofo Ortega y Gasset da condição humana de desorientação é sentir-se *náufrago*, alegoria bastante utilizada por Ortega y Gasset em sua metafísica, e que perpassa diversas de suas obras. Para o filósofo, o homem está no mundo desorientado, caído, submerso, porque não dizer, náufrago. Sentir-se perdido é a primeira condição para encontrar-se, mas para isso, o homem deverá buscar as verdadeiras ideias – as ideias dos náufragos. Também Bentinho<sup>5</sup> quando sentia-se em mar revolto da existência falava em “[...] naufrágio da minha existência inteira” (MACHADO DE ASSIS, 2019a, p. 37). Em termos machadianos, o mundo é como “[...] uma lancha de náufragos [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019b, p. 106). Já nos lembra o professor Maurício de Carvalho (2016) que o tema do *naufrágio* é consolidado nos textos de *segundo navegação* do filósofo espanhol. “O homem pode se perder, mas está desafiado a se salvar, pode se perder na circunstância, mas deve salvá-la e a si mesmo” (CARVALHO, 2016, p. 111). Neste sentido, o homem não só deve se salvar de sua condição de náufrago, como também, salvar sua circunstância – o que se traduz em salvar tudo aquilo que o circunscreve, desde sua gente, sua terra, sua cultura.

## APONTAMENTOS CONCEITUAIS ENTRE OS AUTORES

Uma vez sabedor de sua desorientação no mundo, o homem buscará *a que se ater*, para ficarmos em termos orteguianos. É isso que faz a filosofia da Razão vital proposta pelo filósofo espanhol. Doravante, passaremos a elencar alguns termos machadianos os quais se aproximam da filosofia, sobretudo, com a filosofia orteguiana, ainda que o filósofo não seja expressamente citado pelo escritor brasileiro. Para esta aproximação, reitero, iremos no estilo do pensador espanhol, qual seja, em *giros concêntricos*, a fim de tornar patente aquilo que buscamos e assumimos como tarefa: que aproximação tem o escritor brasileiro Machado de Assis com a filosofia? E mais ainda, se há uma filosofia no escritor supra citado, de qual filosofia Machado de Assis se aproximaria?

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, ao descrever a singeleza de Eugênia, o escritor brasileiro lembra de suas *Ideias claras* (MACHADO DE ASSIS, 2019b, p. 64); um termo recorrente em Ortega y Gasset que se traduz pelas *ideias vitais* tal qual proposta pelo filósofo. Ainda sobre a personagem Eugênia, e sua condição de coxa, circunstância que se soma ao eu da personagem, e que nos lembra a instigante máxima orteguiana, “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não me salvo eu” (ORTEGA Y GASSET, 2018, p. 32). O homem, como a personagem Eugênia, precisa compreender e superar sua *circunstância*, para isso, é preciso ter ideias claras, saber *a que se ater* quando as circunstâncias assim exigirem, ou em termos machadianos, “[...] o uso acomoda a gente às circunstâncias [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 45).

Há situações nas quais nos encontramos que exigem de nós alguma meditação sobre como se portar diante de tais circunstâncias, elas requerem que o homem se volte a si mesmo, para tanto é mister o silêncio. – “Sabeis que a maior sabedoria é o silêncio” (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 625). Quanto mais sabemos, mais nos calamos. Há momentos de expressar o que temos a dizer, e

<sup>5</sup> Personagem central de *Dom Casmurro*, na qual ele narra sua visão dos fatos consoante sua perspectiva. (n.a).

há momentos de mudez em que o homem volta-se para si. “Há coisas que melhor se dizem calando” (MACHADO DE ASSIS, 2019b, p. 170). Parece-nos que o autor brasileiro renunciava o conceito da *radical solidão* empregada por Ortega y Gasset nas *Meditações do Quixote*, obra lançada em 1914, publicada no Brasil em 1967 com tradução de Gilberto Kujaswki. É justamente na *radical solidão* que o homem volta-se para si mesmo na pretensão de refletir acerca de sua circunstância no mundo. Esta condição peremptória de se voltar para si mesmo é o que Ortega y Gasset chamou de *ensimesmar-se*<sup>6</sup>

Um dos personagens mais marcante da trilogia romanesca de Machado de Assis é Quincas Borba – herdeiro inopinado de Cubas e aspirante a filósofo, autor do Humanitismo<sup>7</sup>. Como herdeiro, logo passou à vida de ostentação, mas não deixou de reconhecer em seu criado sentimento delicado e nobre, o que implica que o homem comum pode ter atributos aristocráticos, “[...] prova cabal de que muitas vezes o homem, ainda a engraxar botas, é sublime” (MACHADO DE ASSIS, 2019b, p. 184). Ora, de modo análogo Ortega y Gasset faz alusão ao homem simples que não se deixa levar pelo vulgo e não se torna um *homem-massa*<sup>8</sup>. Aliás, quando o filósofo espanhol fala em massa está se referindo a um certo tipo de homem e não de classe social.

Ao contrário, não é raro encontrar hoje entre os operários, que antes poderiam servir como o exemplo mais puro do que chamamos “massa”, almas magnanimamente disciplinadas (ORTEGA Y GASSET, 2016a, p. 82).

Ser nobre e seletos no entendimento dos autores, está longe de ser uma característica social ou de cunho intelectual, antes se ajusta a uma certa *docilidade* e orgulho em servir sem que com isto o indivíduo se desqualifique como faz o *homem-massa*, que exigirá não só seu apetite de prazer, mas tomar o lugar e assumir aquilo que é próprio das minorias seletas. Embora os seletos se esforcem em produzir alguma coisa de serventia para a civilização, o homem vulgar aproveita-se daquilo que é produzido pelos excelentes. O homem nobre produz, “[...] mas os medíocres é que se arranjam. O merecimento fica para o lado” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 203).

No sentir do filósofo espanhol, as sociedades do início do século XX viviam o fenômeno histórico do levante das massas, estas passaram a ocupar espaços d’antes destinados às minorias. “Esse fato é o advento das massas ao pleno poderio social” (ORTEGA Y GASSET, 2016a, p. 77). Ora, as massas não apenas querem ocupar os espaços públicos como exigem para si o mando da sociedade, sem reunir a qualificação necessária para tal. Dá-se, então, a rebelião das massas, e seu corolário – a nivelção do vulgar. De igual modo, Machado de Assis sente essa mesma vulgarização

<sup>6</sup> Conceito recorrente da filosofia da Razão vital, consiste em um atributo do homem voltar para si, e na radical solidão, encontrar-se. “Esse movimento graças ao qual ignoramos a realidade por uns momentos para dar atenção a nossas ideias é o que é específico no homem, e se chama *ensimesmar-se*” (ORTEGA Y GASSET, 2018, p. 46). “Ensimesmar-se é o contrário de viver afobado – quando são as coisas em torno que decidem o que faremos, que nos empurram mecanicamente a isto ou àquilo, e nos levam destrambelhados” (ORTEGA Y GASSET, 2022a, p. 73).

<sup>7</sup> É uma filosofia fictícia criada por Quincas Borba, tem base na seleção natural de Darwin. “Humanitas é o princípio. Há nas coisas todas certa substância recôndita e idêntica, um princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e destrutível [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 17).

<sup>8</sup> O conceito de *homem-massa* é fundamental para a compreensão do pensamento de Ortega y Gasset. O filósofo espanhol cria este conceito em *A Rebelião das Massas*, obra datada de 1930. Segundo o filósofo, o *homem-massa* é o tipo sujeito que herdou o mundo sem ter esforço algum; como todo herdeiro, ignora os esforços pretéritos de outros seletos e ainda se arvora em quere gerir os destinos da sociedade sem ter a mínima condição para tal. Assim, o conceito em tela nada teria a ver com classe social, como apontou Marx, mas com um tipo de homem e seu comportamento diante da vida; portanto, *massa* pode ser qualquer um, inclusive os letrados ou de condição social superior. (n.a).

da vida em fins do século XIX em nossa sociedade no limiar da era republicana. O autor fala ironicamente dos hábitos sociais de sua época dos quais eram difíceis separar o seletivo do vulgar, “[...] se toda a sociedade não estivesse já nivelada pelo vulgar *coupé*” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 101). Ambos autores têm uma certa desconfiança na República ou no democratismo que se estabelecera em seus países. Para Ortega y Gasset,

A democracia, como democracia, quer dizer, estrita e exclusivamente como norma de direito político, é coisa ótima. Porém a democracia exasperada e fora de si, a democracia em religião e na arte, a democracia no pensamento e no gesto, a democracia no coração e no costume é a mais perigosa enfermidade que pode padecer a sociedade (ORTEGA Y GASSET, 1966, p. 135).

Não se trata de deduzir que a democracia não seja boa em si. Trata-se do hiperdemocratismo em toda a vida nacional, uma espécie de *democracia morbosa*,<sup>9</sup> causa dos males sociais pela falta de convicção enérgica própria das aristocracias. O problema se dá quando “[...] a democracia estende-se para campos da cultura onde não deveria estar [...]” (CARVALHO, 2016, p. 334). Em *A rebelião das massas*, Ortega y Gasset traça o perfil do *homem-massa*<sup>10</sup> e o denuncia como produto de uma sociedade que o mima em querer realizar seus desejos como se fossem direitos.

Machado de Assis já era escritor renomado por ocasião do golpe de 15 de novembro de 1889 que derrubou a monarquia. O escritor fez carreira durante o II Reinado da qual brotou fama e prestígio. Ele faz algumas ironias à República em *Esau e Jacó*, romance de 1904. Nosso autor sem esboçar severas e diretas críticas ao novo regime, tinha sua visão histórica de que as coisas não deviam se dar pela ruptura ou revolução, mas pela linha da continuidade histórica, sem intervenções bruscas ou lutas armadas. Machado de Assis “[...] era conservador, amante das instituições vigentes, simpatizante da monarquia e desconfiado da República” (KUJAWSKI, 2011, p. 124). Esse amor às instituições vigentes tem correlato com às instâncias superiores que regulariam as normas às quais se pudessem apelar. “Essas normas são os princípios da cultura” (ORTEGA Y GASSET, 2016a, p. 144). Sem essa norma institucional à qual recorrer em instantes de tensão, resta a barbárie da *ação direta*<sup>11</sup>, o que é próprio do *homem-massa*.

Por ser crítico do golpe militar que instaurou a República nacional em 1889, Machado de Assis acumulou desafeitos na crítica jornalística e literata. Mas já nos admoesta Gilberto Kujawski

<sup>9</sup> Não se trata de que Ortega y Gasset não fosse favorável à democracia. Trata-se de querer levar a democracia a todos os quadrantes da vida diária, como a igreja, escola, família e tudo o mais. Para o filósofo, em Política, a democracia é um bem imprescindível, mas não se dá o mesmo quando se tenta democratizar todas as questões sob o risco de degenerar em demagogia (n.a).

<sup>10</sup> Um tipo social e intelectualmente desqualificado por não atender aos mais capacitados, ter estreitamento cultural, fechado em si mesmo, mimado e medíocre, além de ter a alma obliterada, já nega o diálogo e se vale da ação direta e violenta pois não conhece outro meio. O Homem-massa está por toda a parte, vê-se em um mundo de facilidades jamais vista, exige demasiado direito, mas desconhece a nobreza do dever. O homem-massa só quer opinar e proclamar sua vulgaridade. “Consagra, de uma vez para sempre, a abundância de superficialidades, preconceitos, pedaços de ideias, ou simplesmente palavras vazias que o acaso amontoou no seu interior; e, com uma audácia que só se explica por ingenuidade, quer impor isso por toda parte” (ORTEGA Y GASSET, 2016a, p. 143). Em *A Rebelião das massas*, Ortega y Gasset denuncia esse tipo de homem que não tem nada a ver com divisão de classes sociais, assim, o homem-massa pode ser qualquer um de qualquer classe ou nível social. O próprio Ortega y Gasset reconhece, que de tão desqualificado que é o homem-massa, o filósofo acumula insultos sobre essa figura de ser humano que é o homem-massa, um ser sem projetos que vive à deriva. Daí, esse ser não construir nada, ainda que suas condições sejam enormes.

<sup>11</sup> A *ação direta* é o modo próprio de agir das massas; como as massas renunciaram ao diálogo ou recorrerem a qualquer instância superior, resta a violência da ação direta, transvestida em rebelião ou motim. A ação direta é a *ultima ratio*, mas para as massas passa a ser a primeira iniciativa (n.a).

(2011), que nosso escritor romancista desafia qualquer ideologia que queira reduzir seus escritos a reducionismo partidário:

Machado de Assis não pode e não deve ser enquadrado em nenhuma ideologia política ou social. Os críticos do grande escritor, na maior parte, dividem-se entre a mesmice e a adulação reverencial, de um lado, e de outro, os ideólogos, torturando o texto do maior clássico brasileiro até que ele confesse suas afinidades com a esquerda ou com a direita. A leitura à esquerda inscreve-o, por exemplo, na categoria de crítico das contradições do *capitalismo periférico* [Roberto Schwarz], e a leitura à direita transforma-o num autêntico e convicto representante do liberalismo [Gustavo Franco] (KUJAWSKI, 2011, p. 122-123. Grifo do autor).

Ora, do mesmo modo Ortega y Gasset também se posicionou contrário à essa fictícia polarização de pensamentos políticos entre em esquerda e direita como se não houvesse outras alternativas políticas para as pessoas. “Ser de esquerda, como ser de direita, é uma das infinitas maneiras que o homem pode eleger para ser um imbecil” (ORTEGA Y GASSET, 2016a p. 61). O que se depreende que a preocupação última do filósofo não é meramente com o aspecto político de seu tempo – sem embargo de sua importância, mas o que o filósofo intenta mesmo como um *télos* a ser perseguido como tarefa é buscar compreender a realidade, quem é o homem e qual sua circunstância.

Ora, nesta compreensão o filósofo tentará compreender a vida humana e seus ingredientes constitutivos. Para o filósofo Ortega y Gasset viver de modo autêntico traduz-se pela vida que se realiza dentro da vocação. O pensador espanhol lembra o caso do grande escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe, de modo unânime o maior literato de seu país. Goethe vivia constantemente aborrecido por não cumprir sua vocação – viver a partir da escrita; ao contrário, tinha dedicação burocrata como funcionário público que era. No sentir de Ortega y Gasset, a vocação é a realização autêntica daquilo que tenho que fazer. “A vida, bem o sabemos todos, dá muito o que fazer. E o mais grave é conseguir que o fazer escolhido em cada caso seja, *não um qualquer*, mas o que é preciso fazer – aqui e agora –, que seja nossa verdadeira vocação, nosso autêntico algo a fazer” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 67, grifo do autor). A vocação é o compromisso do homem com o seu projeto vital revestido da autenticidade de ser quem de fato ele é. Quanto mais somos fiéis à nossa vocação, mais autênticos somos, quanto menor nosso empenho em nossa vocação tanto mais terá deformidade o nosso destino, caso de Goethe. Assim, de nada adiantaria o esforço pelo esforço se este não estiver coadunado com aquilo que fazemos por vocação e que traduz nossa *vontade querida* em realizar uma determinada tarefa, de modo que o homem sem vocação age de modo inautêntico, “seu esforço esgota-se no próprio esforço e termina em melancolia” (CARVALHO, 2016, p. 428).

Nesse mesmo entendimento, Machado de Assis assinala a vocação como uma realização a ser cumprida como tarefa. Em *Quincas Borba*, o escritor dirá acerca de Cristiano Palha<sup>12</sup>, “Necessidade e vocação fizeram-lhe adquirir, aos poucos, o que não trouxera do nascimento nem da fortuna” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 166). Nesta mesma sentença encontram-se dois conceitos fulcrais da filosofia raciovitalista: vocação e necessidade, pois para o filósofo espanhol, a necessidade, sobretudo, a *necessidade imediata*, é uma necessidade que nasce no próprio indivíduo. A *necessidade imediata*, “[...] a qual eu sinto, de fato, como tal necessidade, nascida em mim, com suas raízes em mim, inata, autóctone, autêntica” (ORTEGA Y GASSET, 2019a p. 17). Em *Dom*

<sup>12</sup> Casado com Sofia, o desonesto casal percebe que Rubião é ingênuo e provinciano. Ela passa a seduzir o novo rico Rubião com interesses em sua fortuna herdada.

*Casmurro* dirá o escritor do Cosme Velho, “A vocação é tudo” (MACHADO DE ASSIS, 2019a, p. 64).

Há instantes na vida humana no qual se faz mister que nos voltemos para nós mesmos. É o momento de reflexão que exige *radical solidão*, e que o filósofo espanhol chamou *ensimesmar-se*. Trata-se de um conceito recorrente da filosofia da Razão vital, consiste em um atributo do homem voltar para si, e na *radical solidão*, encontrar-se. “Esse movimento graças ao qual ignoramos a realidade por uns momentos para dar atenção a nossas ideias é o que é específico no homem, e se chama *ensimesmar-se*”. (ORTEGA Y GASSET, 2018, p. 46). Também Capitu<sup>13</sup> quando refletia sobre sua circunstância de perder Bentinho para o seminário, “[...] olhava para dentro de si mesma [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019a, p. 70).

Ainda que a vida cobre instantes de reflexão e contemplação, o cotidiano exige de nós alguns afazeres. A vida dá muito o que fazer, não há como renunciar o que temos de realizar. “A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre, por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente” (MACHADO DE ASSIS, 2019a, p. 100). Viver é constantemente estar fazendo algo, pois minha vida é o que faço, o que me acontece. “Vida é *quefazer*” (KUJAWSKI, 1994, p. 53). Mas não é um qualquer fazer, mas sim o que tenho de fato que fazer, donde brota a dramática ideia que o homem precisa fazer-se a si mesmo. A realidade da vida humana é a premente necessidade do homem fabricar-se de modo individual e circunstancial, pois sua vida lhe foi dada mas não foi dada pronta, “[...] a minha vida é ela própria um *quefazer*” (AMOEDO, 2016, p. 293). Mas esse *fazer* deve ser realizado dentro daquilo que sua vocação aponta, sob pena do esforço esgota-se em melancolia, sinal de alteração do chamado íntimo e vocacional. (CARVALHO, 2016).

Ao buscarmos nos escritos machadianos uma aproximação com a filosofia, e o seu estilo irônico e humorado, sem renunciar à racionalidade helênica, isto confirma nossa premissa, e que seus romances de segunda fase ratificam o crítico destemido da sociedade de seu tempo que se tornaria nosso escritor.

A partir de *Brás Cubas*, revela-se em Machado outro autor, muito mais ousado, dono de outra linguagem, muito mais pessoal, apurado na ironia, investindo contra o mundo de aparências, falsidade, hipocrisia, egoísmo e corrupção moral que o cercava na corte (KUJAWSKI, 2011, p. 23).

É nessa perspectiva em denunciar as aparências frívolas do mundo social que Machado de Assis vai seguindo sua vocação como homem e escritor. Sua ironia se constitui em um forte ingrediente de denúncia, sem deixar de lado a dramaticidade e aventura com a condição humana e suas contingências, essa percepção se acentua em *Memórias Póstumas* na delirante narrativa do autor defunto onde Brás Cubas desvela a

[...] falta de sentido da vida humana, sua brevidade, o desmentido do idealismo e das ilusões, o domínio irresistível da vontade pelos baixos instintos da sensualidade e da vaidade, e o vazio da existência terminado na morte sem glória (KUJAWSKI, 2011, p. 31).

<sup>13</sup> Personagem central do romance *Dom Casmurro*. Paira sobre ela a eterna dúvida de ter ou não traído Bentinho. Dona dos “Olhos de ressaca? Vá, de ressaca” (MACHADO DE ASSIS, 2019a, p. 54). Os olhos de Capitu eram “[...] negros, faróis noturnos prometendo felicidade” (GOETHE, 1998, p. 63). Tal qual os olhos de Charlotte para Werther.

Com forte acento irônico, ironia da qual é mestre incontestado, Machado de Assis vai dissecando o homem de seu tempo, sem perder o humor crítico próprio de seu estilo, mantendo sempre “[...] sua vocação para a visão integral das coisas [...]” (KUJAWSKI, 2011, p. 56), algo próximo ao entendimento de Ortega y Gasset quando lembra que a filosofia deve ter, em sua essência, o princípio da *pantonomia*<sup>14</sup>. A filosofia não pode se satisfazer com pedaço ou partes como faz a ciência positiva

O filósofo, ao contrário, buscará da matéria seu valor como peça do Universo, e dirá a verdade última de cada coisa, o que essa coisa é em função de todas. A esse princípio de conceituação chamo de *pantonomia* ou lei de totalidade” (ORTEGA Y GASSET, 2016b, p. 103).

Essa busca pela compreensão das coisas do mundo a partir de uma perspectiva integral se contrapõe às doutrinas positivista da época tanto de Machado de Assis quanto de Ortega y Gasset, ambos autores intensificam suas metafísicas holísticas. Tanto o escritor romancista quanto o filósofo criticaram as correntes positivistas pela simples razão destas não alcançarem as verdadeiras razões da vida humana, suas circunstâncias e a compreensão da *vida de cada um* como categoria de análise filosófica como sentenciou Dilthey, filósofo alemão, ou em termos orteguianos, a vida só pode ser interpretada a partir dela mesma, em sua *mesmidade*<sup>15</sup>. É desde Dilthey que temos a compreensão “[...] que a vida humana é uma totalidade unitária que não pode ser desmembrada para ser compreendida, mas só pode ser interpretada a partir dela mesma [...]” (KUJAWSKI, 2011, p. 126). Aliás, a *vida de cada um* tem como tarefa vital “[...] atravessar as ilusões e chegar ao conhecimento daquilo que nos é verdadeiramente valioso” (DILTHEY, 2014, p. 60). A vida humana funciona como razão dela própria, pois ela é categoria imprescindível para quaisquer análises que se pretendam filosóficas.

O humanismo tal qual proposto por Quincas Borba é uma ousada ironia contrária às correntes do *imperialismo da física* traduzido como o domínio das ciências positivas. Também Ortega y Gasset, juntamente com Julián Marías<sup>16</sup>, fundou em 1948 o Instituto de Humanidades com o propósito de desenvolver atividades investigativas, colóquios e debates acerca da vida estudantil, cultural e da vida nacional espanhola. Neste sentido, o propósito do Instituto de Humanidades,

[...] seria o de reorganizar todas as investigações humanas, de modo a permitir uma renovação das disciplinas tradicionais que as realizavam e o prolongamento das suas pesquisas, através da adoção de perspectivas e método capazes de observar e compreender o mundo humano actual (sic) (AMOEDO, 1997, p. 156).

<sup>14</sup> Atributo da filosofia, e consiste em dizer que a filosofia se ocupa do todo integral e não meramente de partes. O homem de ciência, por sua natureza, busca compreender apenas seu pedaço. “O filósofo, ao contrário, buscará da matéria seu valor como peça do Universo, e dirá a verdade última de cada coisa, o que essa coisa é em função de todas. A esse princípio de conceituação chamo de *pantonomia* ou lei de totalidade” (ORTEGA Y GASSET, 2016b p. 103).

<sup>15</sup> Daquilo que, embora discrepantes, se diz do mesmo. Filosofar é uma viagem em busca da *mesmidade* da filosofia. Nesse sentido, “Machado de Assis foi o autor dele mesmo” (KUJAWSKI, 2011, p. 127).

<sup>16</sup> JULIÁN MARIÁS – (1914- 2005). Filósofo espanhol, considerado o principal estudioso e discípulo de Ortega y Gasset, com quem ajudou a fundar o Instituto de Humanidades em 1948 na capital espanhola. Marías é o autor da introdução de *A rebelião das massas* por ocasião da 5ª edição de *Selecciones Austral*.

Entre o humanitismo do personagem Quincas Borba e o Instituto de Humanidades orteguiano há contribuições para o entendimento acerca de conceitos como Estado, história e nação, ainda que a filosofia de Borba reconheça a sobrevivência apenas dos mais fortes, “A eles cabem as batatas, enquanto aos vencidos, os mais fracos, só resta a morte pela fome” (GOMES, 2018, p. 98). Todavia, mesmo no limite da interpretação que se possa dar ao pacifismo criticado pelo filósofo espanhol, mesmo neste limite haveria alguma aproximação nesta interpretação da história, visto como oportunismo político de alguns. O erro dos pacifistas “[...] foi subestimar o inimigo” (ORTEGA Y GASSET, 2016a, p. 287). No primeiro caso, dá-se as batatas ao vencedor. Neste caso, uma parte não perece. No segundo, ao invés de matar todos os vencidos, conservar-se-ão suas vidas e serão aproveitados os seus trabalhos.

Se a condição do homem é se achar náufrago no mundo, espera-se dele uma tomada de consciência rumo a que ele se encontre. É próprio dos náufragos atentarem ao seu entorno e circunstância sem hesitação ou distração. Ortega y Gasset chega mesmo a dizer que o homem precisa estar *em forma*. Ou em outros termos, o caráter de quem estar em forma, contrário de relaxamento. “[...] estar em forma significa nunca se deixar levar por alguma maneira de dissipação” (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 42). Para estar em forma e atento, é preciso que o homem, desorientado que está, atente para sua condição, não se deixe levar pelo canto das sereias que o distrai de sua tentativa de encontrar-se. O homem sente-se perdido, “ e é preciso que essa consciência de radical perdição ou perdimento esteja viva em nós e que não tentemos nos cegar covardemente para não vê-la [...]” (ORTEGA Y GASSET, 2020, p. 220-221). Antes de querer cegar-nos, faz-se mister dilatar a pupila – condição dos náufragos. “Os olhos fecham-se cada vez que espertam [...]” (MACHADO DE ASSIS, 2019c, p. 188). Os olhos de quem busca ver mais longe são franzidos na tentativa de enxergar mais adiante. O homem que vê-se náufrago terá que bracejar até o porto seguro de sua vida. Para tanto, contará com a cultura como farol a fim de guiar-se com segurança. Para Ortega y Gasset, cultura “[...] é o que se salva do naufrágio vital, o que permite ao homem viver sem que sua vida seja uma tragédia ou um aviltamento radical” (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 62). Ou dito de outro modo mas que dá no mesmo, cultura são as ideias vitais do tempo e que cada qual precisa assenhorar-se delas a fim de *saber a que se ater* quando as circunstâncias assim exigirem.

## NOTAS FINAIS

Consoante restou-nos demonstrado, a literatura tem uma contribuição sua a dar para o alargamento da filosofia na compreensão do fenômeno de quem é o homem e o mundo que o cerca. Este contributo advém de autores e autoras nacionais e estrangeiros (as) que se debruçaram a investigar a condição humana no mundo, ainda que sem terem sido reconhecidos como filósofos. Goethe é um caso recorrente na filosofia da existência, e Cervantes e *As aventuras de Dom Quixote* serviram de inspiração para as meditações do filósofo espanhol, Ortega y Gasset.

No cenário nacional também autores de nossa literatura buscaram compreender a condição humana no mundo; Guimarães Rosa na compreensão fenomenológica da linguagem, Clarice Lispector investigando a aventura da existência e Machado de Assis anelando compreender o homem e suas circunstâncias, são exemplos de autores e autoras brasileiros (as) que têm contribuição com a filosofia, sem embargo de não fazerem parte do panteão de nossos filósofos e filósofas; aliás, já não é sem tempo de se reivindicar uma filosofia genuinamente nacional, da qual nossos autores e autoras supra citados fariam parte, entre outros nomes de nossa literatura.

A literatura romanesca de Machado de Assis mostrou-se muito aproximada com a filosofia da Razão vital, ainda que os autores não tivessem a intensão dessa aproximação, o fato é que os conceitos do filósofo espanhol são recorrentes na obra machadiana. Mas o que mais se configurou tais estreitas relações foi a categoria *minha vida, a vida de cada qual* que se apresentava nos textos dos autores para a compreensão de quem é o homem, o mundo e suas relações complexas e intrincadas, e que se dão no cotidiano, que passa despercebido por aqueles que não alargam as pálpebras de sua existência. Assim, afirmamos que há, sobrejuntamente, elementos e conceitos filosóficos nos escritos do romancista brasileiro, mormente, com aspectos e estilo com a filosofia da Razão vital orteguiana, o que caracterizaria nosso romancista como candidato a filósofo nacional, ainda que não reconhecido plenamente pela Academia filosófica. Contudo este debate não se encerra por aqui, apenas instiga novas e crescentes produções em busca de salvaguardar nossos escritores e nossa nacional filosofia, sem distanciar-nos da *mesmidade* da Filosofia.

## REFERÊNCIAS

- AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. **José Ortega y Gasset: a aventura filosófica da educação**. Universidade de Évora, 1997.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 3. ed. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019a.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Lafonte, 2019b.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. 3. ed. Jandira, SP: Principis, 2019c.
- CARVALHO, José Maurício de. **Ortega y Gasset e o nosso tempo**. São Paulo (SP): FiloCzar, 2016.
- DILTHEY, Wilhelm. **A essência da filosofia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- GOETHE, Johan Wolfgang von. **Werther**. São Paulo: Scipione, 1998.
- GOMES, Álvaro Cardoso. **Memórias quase póstumas de Machado de Assis**. Curitiba: Champagnat, 2018.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Ortega y Gasset: a aventura da razão**. São Paulo: Moderna, 1994.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. **Machado de Assis por dentro**. Ribeirão Preto: Migalhas, 2011.
- ORTEGA Y GASSET, José. **A rebelião das massas**. Campinas: Vide Editorial, 2016a.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Ao redor de Galileu**. Campinas: Vide Editorial, 2022a.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Goethe, o libertador**. 1. Ed. São Paulo: Iluminuras, 2022b.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Ideias e Crenças**. Campinas: Vide Editorial, 2018.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Lições de metafísica**. Campinas: Vide Editorial, 2019a.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do quixote**. Campinas: Vide Editorial, 2019b.
- ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da Universidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

DOI: [10.25244/1984-5561.2024.5837](https://doi.org/10.25244/1984-5561.2024.5837)

Encontros líricos machadianos com a filosofia da razão vital

PEREIRA, Joabe Tavares

ORTEGA Y GASSET, José. **O Homem e os outros**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

ORTEGA Y GASSET, José. **O que é filosofia?** Campinas: Vide Editorial, 2016b.

ORTEGA Y GASSET, José. **Sobre a razão histórica**. Campinas: Vide Editorial, 2020.

ORTEGA Y GASSET, José. **Obras Completas**. Madrid: Revista de Occidente, 1966.